

Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAs): feminismo para o desenvolvimento da sociedade

Laura Bannach Jardim; Mariana Dotto; Janaína Terra

As Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAs) surgiram em maio de 2015 como uma ação de extensão da UFRGS. Nosso objetivo é estimular o desenvolvimento humano, enfrentando a discriminação contra mulheres na sociedade por meio de uma agenda regular de debates. Como professoras, trabalhadoras da saúde e estudantes vinculadas a uma universidade e a um hospital público, pensamos que ajudar a construir uma visão do mundo mais panorâmica e racional, dentro das nossas instituições, é uma forma de retribuir em igual intensidade, pelo menos, ao que a sociedade já nos oportunizou.

Comportamentos sexistas sobrevivem mesmo nas classes sociais e nas categorias profissionais com mais alta escolarização. A entrada das mulheres na cidadania plena é recente e repleta de confusão; há muita identificação projetiva das mulheres com o simbólico masculino e muita resistência da sociedade em abrir mão de seus valores vinculados ao masculino.

Desde sua formação, as MUSAs vêm organizando rodas de conversa mensais voltadas ao público geral e, em especial, a estudantes e principalmente, mas não somente, mulheres. As rodas acontecem no Campus da Saúde da UFRGS e contam com a participação de convidadas com experiência no tema em questão, para qualificar o debate e estimular a participação do público.

Até agora, os seguintes temas foram discutidos nas rodas: *o papel da mulher na ciência e na universidade; mulheres alimentam o mundo; mulheres na telinha e na telona; sugestões para o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRGS; ouvir mais médicas; direitos reprodutivos das mulheres em tempos de zika; descriminalizar o aborto: o que fazer?; e Vamos Juntas: para onde?*. Além das rodas, promovemos dois diálogos públicos para tratar de temas emergentes no contexto da atual crise política: *Brasil, como sair do impasse?*; e *qual o tamanho que o SUS deve ter?*. Vários desses debates foram filmados e disponibilizados na internet com acesso livre.

De forma geral, as rodas tiveram intensa participação do público assistente, na sua maioria mulheres, propiciando o aumento do espírito crítico e da sensibilidade aos comportamentos discriminatórios até hoje naturalizados. Outro objetivo é que os debates gerem a proposição de ações específicas como projetos de pesquisa e de desenvolvimento. Um exemplo concretizado até agora foi a formação do grupo de trabalho sobre aborto, consequência das duas rodas de conversa sobre esse tema. Com isso, algumas ações mais diretas estão sendo planejadas no âmbito prático, com incidência nas políticas de saúde locais e no atendimento direto às mulheres.

Tem sido uma experiência fascinante “sair da caixa” das nossas atuações biomédicas e desfazer as naturalizações dos comportamentos preconceituosos que nos cercam, justamente no ambiente profissional, aparentemente tão protegido das desigualdades. Aos poucos, está se construindo e se fortalecendo a presença de uma posição progressista, muitas vezes em meio a um silêncio “acrítico”, a respeito das injustiças cotidianas ao nosso redor. Finalmente, uma direção está sendo traçada, rumo a ações afirmativas que visem superar os comportamentos que discriminam o valor das pessoas segundo seu gênero, sua orientação sexual ou suas condições econômicas e sociais.

Descritores: feminismo; gênero; bem-estar social; direitos da mulher.